

# **SOBRE INTERAÇÕES ENTRE ESTUDANTES SURDOS E OUVINTES EM CLASSES INCLUSIVAS: O QUE DIZEM OS PROFESSORES?**

Patrícia da Rosa  
Evelin Helena Torrel  
Luiza Zillmer Pasqualini  
Cristiane Davina Redin Freitas

## **RESUMO**

Esta pesquisa realizada em uma escola regular municipal do Rio Grande do Sul nos anos de 2015 e 2016, com professores e intérpretes atuantes em classes inclusivas do ensino médio, objetivou compreender como ocorrem as interações entre estudantes surdos e ouvintes em classes inclusivas de acordo com a percepção destes profissionais. Para tanto, buscou-se verificar junto aos mesmos se ocorrem formas de comunicação entre os estudantes surdos e ouvintes e se há interesse e curiosidade dos estudantes ouvintes sobre a cultura surda. Também se propôs a verificar se emergem atitudes de cooperação entre os educandos, bem como, se há colaboração dos estudantes ouvintes para a inclusão dos colegas surdos. Para este estudo, realizou-se um aprofundamento teórico sobre as dificuldades dos estudantes surdos frente à escolarização; sobre o que priorizam as Políticas Públicas frente à esta conjuntura e a formação, especialização e capacitação dos professores atuantes da educação inclusiva. Ademais, buscou-se através do método qualitativo compreender, junto a seis profissionais, sendo duas intérpretes de Libras e quatro professoras, que atuam em classes inclusivas de estudantes surdos e ouvintes do ensino médio de uma escola regular, como ocorrem as interações entre estes estudantes. Foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas que foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas e analisadas. Os dados obtidos revelam um processo de inclusão dos estudantes surdos pouco satisfatório. Evidenciou-se que o não partilhar de uma mesma língua prejudica ambos estudantes surdos e ouvintes bem como os professores que atuam nestas classes, em termos de interações interpessoais. Apercebeu-se que nas classes inclusivas desta escola ocorre pouca troca de informações e vivências entre os estudantes surdos e demais ouvintes, acarretando isolamento dos indivíduos surdos e uma aprendizagem compreendida pela maioria dos entrevistados como insatisfatória. Constatou-se que há possíveis conflitos na relação entre intérprete e professor e vice-versa, apontando para um não entendimento acerca dos papéis que cada deve desempenhar dentro da sala de aula.

**Palavras-chave:** Escola regular. Professores. Estudantes surdos. Inclusão.

## **INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa realizada em uma escola regular do Rio Grande do Sul, teve como propósito compreender como ocorrem as interações entre estudantes surdos e ouvintes em classes inclusivas do ensino médio, de acordo com a percepção dos professores e intérpretes atuantes neste espaço. Por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com estes profissionais da educação foi possível construir um entendimento analítico dos aspectos que circunscrevem as relações entre estes estudantes. Tais aspectos

compreendem a comunicação estabelecida por estes em sala de aula; curiosidade dos ouvintes pela cultura surda; atitudes de cooperação por parte dos estudantes ouvintes e ações que visam a inclusão. A ocorrência de amizades, intrigas, distância e isolamento também foram analisados.

Assim sendo, esta pesquisa ancora-se em discursos históricos e momentos atuais vividos em nosso país, no que diz respeito à dualidade educação/inclusão. Parte-se dos pressupostos dos modelos de educação bilíngüe e educação inclusiva que surgiram no Brasil na década de 90, e na Declaração de Salamanca de 1994 (MENDES; ALMEIDA; TOYODA, 2011), que fomentaram no contexto brasileiro discussões referentes à inclusão. Estas ações influenciaram, como menciona Jesus e Vieira (2011), na elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira-LDB, nº 9.394/1996-tendo após cinco anos, novas diretrizes apontadas, como a Resolução nº 2, de 11 de set. 2001, a qual institui as Diretrizes Nacionais da Educação Especial na Educação Básica. Alcançou-se dessa forma, estados e municípios brasileiros que puderam desenvolver políticas públicas educacionais a fim de assegurar o direito da educação aos estudantes. É sabido que tanto os estudantes quanto os professores são os protagonistas no cenário educacional e vivenciam a realidade das salas de aula inclusivas. Apesar das metodologias empregadas e dos processos pedagógicos de ensino e aprendizagem, este estudo procurou compreender mais profundamente as interações que ocorrem em sala de aula, buscando no professor como agente implicado com o desenvolvimento social de seus discentes, sua percepção sobre estarealidade.

Presume-se que, para que haja efetivamente uma educação inclusiva, compete à escola se (re)organizar a fim de atender as especificidades do estudante. Dessa forma compreende-se que, conseqüentemente, a atenção e percepção do professor também se voltam para que a inclusão se concretize, por maiores que sejam as dificuldades, principalmente de comunicação. Apesar do não partilhar de uma língua comum com os demais estudantes ouvintes, tal fator não se constitui como impedimento à comunicação, sendo que esta poderá ser feita através de formas alternativas, como a própria fala e/ou gestos, mímicas e escrita. Todavia tais formas podem ser superficiais, o que não garante que sejam satisfatórias. (RODRIGUES; RAMPINELLI, 2014).

Importante salientar também da importância que o convívio social proporciona aos estudantes. Como aponta Lacerda (2006) é no ambiente escolar que afetos e emoções são experienciados de forma mais livre e desprotegida. E são estas mesmas experiências que permitem os estudantes vivenciar sucesso, insucesso, competição, raiva e tantas outras sensações que contribuem para o seu desenvolvimento enquanto indivíduos.

A parte teórica dessa pesquisa, reúne alguns dos estudos e informações atuais acerca da educação do estudante surdo em classes inclusivas. É notório que a inclusão

de estudantes surdos mobiliza todo o corpo escolar, como os professores, funcionários e estudantes. Ações pautadas nas Políticas Públicas de Educação também são fundamentais para a inserção do estudante surdo na escola. Para tanto há a necessidade de todos os agentes envolvidos manterem-se atualizados e informados acerca de mudanças e inovações na educação inclusiva.

Conforme Rijo (2009) a inclusão dos estudantes surdos em escolas regulares se apresenta como um acontecimento muito recente para a maioria dos professores e demais profissionais que atuam no âmbito educacional. Como será abordado no decorrer deste trabalho, devem-se criar novas metodologias pedagógicas, utilizar-se de novas ferramentas que de fato possam colaborar para a melhor aprendizagem do estudante surdo e conseqüentemente facilitar em seu processo interacional. Ou seja, compreende-se que é necessária uma educação que ofereça reais possibilidades de aprendizagem, mas acima de tudo que garanta que a inclusão seja plena e efetiva. Assim, julga-se necessário compreender a sala de aula como uma extensão da sociedade. Cabe salientar que a forma como os estudantes ouvintes entendem a cultura surda, como se comunicam, como se relacionam em sala de aula com os estudantes surdos nos remeteu a importantes reflexões sobre essas interações como um reflexo real da sociedade em que vivemos, de acordo com os resultados obtidos nesta pesquisa. Este estudo indicou uma inclusão dos estudantes surdos pouco satisfatória, ao passo que se evidenciou que a dificuldade em estabelecer uma comunicação, seja de maneira oral ou em Libras, prejudica tanto os estudantes surdos e ouvintes bem como os professores, no que tange as interações interpessoais. De acordo com a análise de dados realizada, pode-se entender que nas classes inclusivas desta escola ocorre pouca troca de vivências entre os estudantes surdos e demais ouvintes. Conseqüentemente, há isolamento dos indivíduos surdos e uma aprendizagem percebida pelos professores e intérpretes como precária. Constatou-se que pode haver conflitos na relação entre intérprete e professor e vice-versa. Pode-se inferir a partir disso, que há uma compreensão escassa acerca das funções que cada um destes profissionais deve desempenhar dentro da sala de aula.

## **METODOLOGIA**

A Metodologia de Pesquisa delinea onde e como será realizada a pesquisa, definindo o tipo de pesquisa, a população ou os participantes, a amostragem, os instrumentos que serão utilizados para a coleta de dados além da maneira como o pesquisador pretende tabular e analisar os dados obtidos. Como aponta Gerhardte Silveira (2009), a Metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos para se realizar uma pesquisa científica.

A presente pesquisa foi realizada através do método qualitativo. Esta abordagem permite “o envolvimento da pesquisadora/observador/sujeito com os sujeitos no espaço da pesquisa, ou seja, a escola” (BERTÓ, 2009, p. 82). Silva e Menezes (2005) trazem que a pesquisa de abordagem qualitativa considera a existência de um vínculo entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. Tem-se no método qualitativo a possibilidade de interpretação dos fenômenos que surgem e assim atribuí-lhes significados.

Buscou-se através desta abordagem compreender, junto aos seis profissionais que atuam em classes inclusivas de estudantes surdos e ouvintes do ensino médio de uma escola regular, como ocorrem as interações entre estes estudantes. Para tanto, utilizou-se como instrumento de pesquisa, entrevistas individuais semiestruturadas com os professores e intérpretes, que foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas e analisadas, com respaldo na Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977), com o rigor da objetividade, mas também atentos à subjetividade presentes nos resultados deste instrumento de coleta. A Análise de Conteúdo constitui-se como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 1977, p. 31), desta forma se utiliza de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A partir da transcrição das entrevistas realizadas com os participantes, os dados semelhantes obtidos foram agrupados e depois interpretados, a fim de que desta forma foi possível produzir sentidos e significados embasados nos conteúdos explícitos ou ocultos. Esta pesquisa foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul, sob número CAAE 52095415.3.0000.5343. Aos participantes desta pesquisa, os professores e intérpretes, foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi devidamente assinado pelos mesmos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A escola focalizada com o alvo deste estudo pertence à rede estadual de educação do Rio Grande do Sul, com turmas desde a educação infantil ao ensino médio. Esta instituição possui classes especiais para tais estudantes que compreende os anos do ensino fundamental, onde a alfabetização e o processo de aprendizagem ocorre através da Libras.

Posteriormente, no ensino médio, os estudantes surdos são incluídos em classes inclusivas, ou seja, turmas que possuem estudantes surdos e ouvintes. As entrevistas com os participantes variaram entre 20 minutos à 1 hora e 10 minutos, todas foram gravadas em áudio e transcritas integralmente para posterior análise.

Os participantes desta pesquisa possuem formação acadêmica em diferentes áreas do conhecimento, como História, Filosofia, Sociologia, Geografia, Língua Espanhola, Física

e Tradutor e Intérprete de Libras. Apesar de lecionarem em classes inclusivas, com exceção das intérpretes, os demais participantes apenas possuíam uma noção básica de Libras. Desse modo, durante as entrevistas realizadas foram emergindo alguns pontos cruciais que permitem compreender melhor como ocorrem as interações interpessoais entre os estudantes surdos e ouvintes, de acordo com a percepção destes profissionais. Os dados foram organizados em categorias, que serão discutidos a seguir.

## **Interação entre surdos e ouvintes e inclusão dos colegas surdos em sala de aula**

Conforme o objetivo desta pesquisa, nesta primeira categoria consta a percepção dos docentes e intérpretes acerca da interação entre estudantes surdos e ouvintes, de acordo com as seguintes falas:

*[...]quando acontece amizade,mas são poucos, geralmente há um incômodo. Vê pouca solidariedade em relação a inclusão.(P5)<sup>1</sup>*

*Por mais que a escola trabalhe isso, que eles sejam incluídos, a gente tente, mas... se tu analisar a própria dinâmica da sala, se tu observar, tu vai ver que eles sempre estão sentados bem a frente com a interprete e muito pouco eles acabam trocando uns com os outros. É uma inclusão, mas ela não é total ainda. [...](P4)*

*Eu não acho que as relações interpessoais são totalmente satisfatórias não. Acho que ainda falta eles se inteirarem que o colega tá ali. Conhecer ele, fazer com que ele participe dentro da sala, que ele seja realmente da turma. (P4)*

*[...]os grupos de surdos é só com os surdos, é difícil botar um surdo com um ouvinte, é natural e este compreensível deles quererem estar entre eles com a língua deles, eu sinto esse isolamento um pouco como grupo dos surdos, mas se eles estão entre eles, eles estão bem. (P3)*

É possível observar que a percepção que essas professoras têm sobre a interação entre estudantes surdos e ouvintes é um tanto dividida. Ao mesmo tempo em que se observa estudantes surdos e ouvintes incluídos no mesmo ambiente, nota-se pouca integração entre estes.

Souza e Lima (2014) fazem uma distinção entre integração e inclusão. A integração busca minimizar e reparar a exclusão vivenciada pelos sujeitos surdos e a inclusão propõe dissipar o processo excludente, objetivando de fato uma educação inclusiva para pessoas que estiveram por muito tempo excluídas.

O primeiro passo para a integração do indivíduo surdo se dá na escola, não apenas com o ouvinte, mas no sentido de se fixar nos padrões de convivência social. O papel da

---

<sup>1</sup>As legendas que identificam os participantes são designadas como P1=Participante 1; P2 = Participante 2; P3= Participante 3; P4= Participante 4; P5= Participante 5 e P6=Participante 6.

escola ou a classe inclusiva vai muito além de ensinar a Língua Portuguesa, a Libras ou a matemática, por exemplo, mas é o lugar onde o surdo tem a oportunidade de estar se reconhecendo como sujeito.

A partir do momento em que um estudante surdo é incluído em uma sala de aula com estudantes ouvintes, os professores devem estar preparados para lidar com inúmeras questões. Podemos começar falando da presença do intérprete dentro da sala de aula, este que por sua vez tem a função de auxiliar o estudante surdo, mas em alguns momentos, o mesmo se torna um gerador de conflitos se ambas as partes não souberem trabalhar em conjunto. Outro ponto a se destacar são as atividades previstas em sala de aula, pois o professor terá que pensar em dois materiais de trabalho com metodologias diferentes, um adaptado e outro não, ainda é preciso pensar em como mesclar esses estudantes para que ambos possam estar trabalhando juntos de fato e não dividindo apenas o mesmo ambiente.

É o que Carlos Skliar (2001) chama de inclusão excludente, pois o estudante surdo acaba por estar incluído apenas pelo fato de que é direito desse cidadão frequentar uma escola regular. Uma vez que este estudante está dentro de uma sala de aula com colegas ouvintes, mas acaba ficando, como relatado pelos participantes, sentados mais à frente dos demais colegas e sendo intermediado pela intérprete, ou seja, de certa forma excluído dentro do restante da turma.

Desse modo, pode-se compreender que fatores importantes que devem estar presentes em uma educação inclusiva não estão sendo tão evidentes para os participantes desta pesquisa. Fatores estes referentes à aceitação do colega que possui alguma diferença, à valorização de cada pessoa enquanto sujeito constituído de uma história de vida, de uma cultura com suas determinadas especificidades, do incentivo de uma aprendizagem através da cooperação. (MACHADO, 2002). Em decorrência disso, o que pode ocorrer com os estudantes surdos é um isolamento.

## **Isolamento**

Esta categoria diz respeito ao afastamento (isolamento), dos estudantes surdos na convivência com estudantes ouvintes. Nas entrevistas realizadas, a maioria dos participantes disseram que há isolamento dos estudantes surdos em relação aos ouvintes. Como podemos perceber nas falas abaixo:

*Sim, no recreio principalmente eles são isolados, por questão de se entenderem pela língua. 'Se tu não falas minha língua, porque vou ficar contigo'. Geralmente é bem separado, eles mesmo que se excluem, mas se sentem felizes por estarem com iguais. (P5)*

*O grupo de surdos é separado, mas é por opção deles sabe, eles querem ficar juntos. Eles que preferem, é questão de identidade. (P2)*

*Eu acho que esse isolamento acaba acontecendo como uma forma de proteção para eles. Se tu sabe que eu não vou te dar atenção, por que tu vai ficar pedindo atenção né. Então é mais fácil te juntar com os teus e tu fica ali no teu canto. (P4)*

É pertinente que se compreenda quando o isolamento acontece. Dessa forma, segundo Figueiredo (2009), é diante das diferenciações, que o indivíduo acaba se isolando de um grupo, pelo qual não se identifica que não faz parte de seu mundo, de sua vivência. Compreende-se desta forma, que o grupo de ouvintes exclui os colegas surdos por não conseguir estabelecer uma comunicação em Libras.

Devido os estudantes surdos não ouvirem e não possuem uma linguagem oral, estes se comunicam por uma língua que é desconhecida pelo grupo de ouvintes, que é a Libras. Assim sendo, esse desconhecimento das Libras por parte dos demais ouvintes conseqüentemente levará a um processo de auto isolamento dos indivíduos surdos. (FIGUEIREDO, 2009).

De acordo com a autora citada acima:

A partir da experiência e vivência das diferenças linguísticas e culturais entre os surdos, estes se constituem como um grupo social, ou seja, um grupo formado como diferente do grupo dominante (majoritário ouvinte e com língua oral). As identidades e cultura desse grupo se constroem a partir de uma língua de modalidade visual e gestual, sendo, portanto, excluídos da maioria ouvinte pela falta de entendimento e compreensão da língua de sinais (linguagem visual) e de sua cultura. (FIGUEIREDO, 2009,p.13).

De acordo com a primeira fala citada acima de uma das pessoas entrevistadas, pode-se entender que os educandos surdos preferem e se sentem melhores estando com outros surdos, com os "iguais" a eles. Pois conseguem desta forma se entender e compreender o que querem expressar, através dos sinais, os quais os ouvintes não tem domínio.

Já na segunda fala citada acima, percebe-se que na visão desta professora, os alunos surdos acabam se isolando por questão de proteção mesmo, por eles quererem ficar perto dos que são iguais a eles. Pois desta forma, não precisam da ajuda dos ouvintes a todo o momento. Se relacionando com outros surdos eles se sentem protegidos devido ao fato de se entenderem pela língua.

Dessa forma concordamos com Baptista (2008), *apud* Merselian; Vitaliano (2011) o qual ressalta que a educação de indivíduos surdos nas escolas regulares vem ocorrendo de modo inadequado, gerando o isolamento desses alunos e o conseqüente fracasso em seu processo de aprendizagem. É, portanto, importante repensar esse processo e reiniciá-lo.

Segundo Chaveiro e colaboradores (2014), os indivíduos que vivenciam dificuldades

de comunicação evitam ter novas relações sociais, e isso, pode aumentar o isolamento social e diminuir a sua qualidade de vida. Os alunos surdos se afastam dos ouvintes, por não compreender a sua língua e por essa dificuldade de compreensão, eles acabam também tendo dificuldade de aprendizagem. Esta inadequação da aprendizagem dos alunos surdos ocorre pelo fato deles não conseguirem compreender a comunicação dos ouvintes, sejam eles professores ou colegas e isso acaba gerando isolamento.

De acordo com Lima (2010), há uma grande dificuldade de compreensão de colegas e professores ouvintes em relação à comunicação, como também na escrita da Língua Portuguesa, desta forma se percebendo como um grupo separado, mesmo acolhidos pela professora e colegas de uma turma regular. Na terceira fala, a professora diz que os alunos se juntam aos iguais por questão de identidade. Ou seja, preferem estar junto com quem se identificam, com quem possui as mesmas dificuldades e falam a mesma língua. De acordo com Gesueli (2006), para que o surdo obter sua identidade é necessário a relação, o encontro surdo-surdo. Segundo Figueiredo (2009), para se ter identificação, é preciso que haja semelhança.

Quando os alunos surdos se dão conta da semelhança, ficam próximos de outros surdos, desta forma fortalecem suas identidades. É a partir desta convivência que surgem os movimentos de surdos. De acordo com Cromack (2004), quando se tem uma convivência com indivíduos que tenham uma condição funcional, os processos identitários acabam sendo fortalecidos, estes que tem assinalado novas configurações de movimentos surdos, que são de extrema importância para cultura surda e produção de subjetividades e educação: atravessamentos e implicações sociais, como também para o reconhecimento social da cultura surda-identidade.

### **Aprendizagem dos estudantes surdos**

Para além do acesso à educação afirmada através da matrícula em uma instituição escolar, é necessário que haja a efetiva participação dos estudantes surdos em sala de aula. Pois sabe-se que a aprendizagem se faz e se transforma a partir desta dinâmica, na construção e nas trocas de conhecimentos. As seguintes falas de três participantes chamam a atenção para o processo de aprendizagem:

*Não é satisfatória, acredito que a inclusão venha com uma teoria muito boa, excelente, mas há pouca preparação. (P5)*

*A aprendizagem é muito difícil da gente falar. Mas como o aluno que consegue relacionar coisas que ele aprendeu lá no ensino fundamental com coisas que ele está aprendendo no ensino médio eu acredito que sim. (P1)*

*As relações são tranquilas. Mas de aprendizagem, não vejo grandes contribuições não. Não vejo que exista alguma evolução... é raro. Diria assim que não é satisfatória. (P6)*

Percebe-se que a aprendizagem, apesar de emergir como satisfatória em uma fala, ainda não é plena, visto a pouca preparação dos profissionais que trabalham com os discentes surdos bem como a percepção de uma aprendizagem pouco eficaz, que em raros casos consegue evoluir. De fato, existem inúmeros fatores que impedem os estudantes de aprender. Muitos destes fatores são externos ao espaço escolar, abrangendo o espaço familiar por exemplo, onde muitas vezes não há incentivo ao indivíduo surdo. Desse modo, Vieira (2011) traz que toda a responsabilidade de educação inclusiva a fim de fomentar a aprendizagem do estudante é depositada na escola e conseqüentemente nos agentes envolvidos no processo de transmissão e facilitação de conhecimentos. Sugerindo a escola como o local que a priori a inclusão deveria acontecer.

É compreensível que há uma grande pressão em cima dos professores e intérpretes, bem como, em toda a instituição escolar em relação a aprendizagem dos estudantes. Porém, como garantir o sucesso dos educandos surdos, se os próprios profissionais da educação se sentem inseguros frente a precária (ou nenhuma) formação que receberam para atuar no cenário inclusivo? Torna-se evidente que para além do aprendizado insatisfatório que ocorre dentro da sala inclusiva, há toda uma rede que contribui para isso, que interliga questões governamentais, econômicas e sociais.

Todavia a responsabilidade do educador dentro da sala de aula, sua maneira de ensinar, postura e metodologia também merece atenção para o processo de aprendizagem. Rios e Novaes (2009) trazem que muitos professores não possuem a formação necessária para atuar junto aos estudantes que apresentam alguma deficiência. No caso de surdos, emergem grandes obstáculos frente à comunicação e os trâmites do ensino-aprendizagem. Desta maneira Costa, Resende e Silva (2014) argumentam que a forma como o conteúdo escolar é transmitido aos estudantes é a peça chave para que aconteça a aprendizagem. Assim, é imprescindível didáticas que possibilitem a compreensão dos conteúdos.

Macedo (2015) aborda que o estudante surdo aprende através de uma linguagem gestual, denominada também de língua de sinais ou simbólica. Há sinais que nomeiam

objetos, coisas de forma genérica, verbos e até mesmo sinais de identificação pessoal e de identificação para os ouvintes que interagem com os surdos. Sendo assim, compreende-se que deve haver em sala de aula estímulos que visem o empoderamento dos estudantes surdos. O interesse em sua cultura pode servir como motivação a esses estudantes, podendo estabelecer relações positivas em sala de aula. Reforçando que além da aprendizagem teórica e conteudista, a relação com o outro, a troca de saberes e informações num espaço dialógico, constrói também a aprendizagem. Dessa forma, a autora citada acima complementa que a aprendizagem requer um duplo conhecimento. Se por um lado os estudantes surdos possam conhecer seu mundo através da comunicação com outros surdos, por outro lado eles podem conhecer um outro mundo, por meio da comunicação com os ouvintes. Daí da importância da aprendizagem bilíngue: Língua de Sinais e da Língua Portuguesa.

A partir do que foi explanado, é interessante perceber que embora a inclusão, pelo menos em teoria, se faz presente atualmente, fica claro a percepção que estes profissionais têm acerca da aprendizagem dos estudantes surdos. Cada participante traz suas vivências através das falas apresentadas, logo a aprendizagem é percebida de modos diferentes. O que pode ser um avanço para um professor pode não ser para o outro. Há professores e intérpretes que, de fato, percebem as potencialidades destes educandos, que notam as assimilações e relações que estes fazem dos conteúdos aprendidos em séries anteriores. Mas também pode haver outros professores que transmitem os conteúdos e aplicam as avaliações. Desta forma, verifica-se os estudantes surdos estão se esforçando o bastante para alcançar os objetivos propostos pelo educador. Vale ressaltar também que assim como todo estudante, há as preferências de disciplinas, de conteúdos que são trabalhados. Dessa forma, entende-se que somente avaliações não são capazes de verificar o real aprendizado do estudante surdo em determinada disciplina, se não houver uma compreensão deste indivíduo de forma global.

Portanto, cabe uma reflexão acerca dos discursos que permeiam o ato tão solidário de incluir os indivíduos surdos em classes inclusivas. Para além das leis que vem sendo escritas em meros papéis, a realidade da escola onde foi realizada a pesquisa denota que na prática o ato de incluir é bem diferente. Se por um lado a aprendizagem de estudantes parece estar devassada por vários motivos já abordados, por outro vemos professores e intérpretes inseguros quanto a efetiva aprendizagem destes. E isso denuncia o quão difícil é tentar mudar os paradigmas de uma educação pública que desde seus primórdios instituiu-se exclusivamente para os ouvintes com base na linguagem oralizada.

### **Relação entre professor e intérprete**

Esta categoria visa explicitar falas que enfatizam algumas relações estabelecidas

por professores e intérpretes nas classes inclusivas. É notório que ainda não há um efetivo entendimento quanto aos papéis que cada profissional deve desempenhar em sala de aula.

Também há críticas quanto a forma de atuação de cada profissional. Nas entrevistas realizadas, foram selecionadas as seguintes falas abaixo:

*Que as vezes até o próprio professor confunde...a função. Ele vem explicar pra mim né, e eu fico ali, não posso, tem que explicar pra eles, sinalizar[...] Ele chega virar e te dizer assim “os teus alunos.”(P6)*

*Eu já vi e já senti resistência de professor. Professor sim, tem um pouco mais de resistência com a presença de interprete né[...] Professor que não aceitar o interprete está indo contra a legislação[...] (P6)*

*Mas a gente também tem interpretes que não estão muito interessados também[...] A interprete tem preguiça de mostrar, de ensinar que ela é a ponte deste trabalho. (P4)*

A fim de situarmos a função do intérprete de Libras, cabe fazer aqui uma breve retrospectiva acerca da legislação que rege esta profissão. Conforme Oliveira (2012) o tradutor interprete vem adquirindo seu espaço a partir da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Tal Lei regulamentada pelo decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005, dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Mais tarde, a Lei de 1º de setembro de 2010 regulamenta a profissão de tradutor e intérprete de Libras, conforme a Lei nº 10.436. Deste modo, percebe-se o quanto que esta profissão ainda é recente.

Quanto à real função do intérprete de Libras, Silva, Júnior e Lima (2008) enfatizam que o profissional é responsável pela comunicação entre os indivíduos surdos com os ouvintes e vice-versa. Sua função propriamente dita, é possibilitar ao estudante surdo o entendimento não somente daquilo que é dito pelo professor, como também as falas dos colegas, sinais sonoros dentre outros. Segundo estes autores, é dessa intermediação que ocorre em sala de aula, que surgem os problemas principalmente ligados aos conceitos éticos relacionados à interpretação e ligados também às relações dos sujeitos envolvidos: professores x alunos, alunos surdos x ouvintes e intérprete x professores.

Baseado nestas informações, compreende-se que o papel do intérprete ainda parece não estar sendo compreendido. De fato, pode haver certa insegurança por parte de alguns professores quanto à presença do profissional intérprete. Todavia, o que deve prevalecer para além de qualquer opinião ou ideologia e o que realmente está em jogo é a inclusão do estudante surdo. Pensar o intérprete como alguém que vai constranger ou interferir no andamento da aula, sem levar em consideração que o estudante surdo necessita da intermediação deste profissional para compreender o que acontece à sua volta, é no mínimo ir contra os direitos deste indivíduo. Paralelo a isso, conforme aponta

Quadros (2004), muitas vezes os estudantes surdos dirigem questões e dúvidas que dizem respeito ao conteúdo de aula para o intérprete e não aos professores. Isso pode se explicar pelo fato de que este possui maior contato com os surdos. Segundo essa autora, até mesmo o próprio professor consulta o intérprete a respeito do desenvolvimento do estudante surdo. Ou seja, não é estabelecido um contato direto com o estudante surdo. Pode-se pensar que a falta de entendimento dos papéis tanto do professor quanto do intérprete em uma sala de aula inclusiva, dificulta a percepção de quem é realmente a figura de autoridade nesse espaço. E isso equivale tanto para os estudantes surdos e ouvintes quanto para os professores e intérprete. Daí a ocorrência da delegação de responsabilidades do professor ao intérprete e vice-versa.

Sabe-se que as formações para tradutor e intérprete de Libras são diferentes. Tal formação pode variar de região para região, podem variar de acordo com as instituições que ofertam esse curso bem como as metodologias empregadas. Mas também a profissão prática de intérprete também pode variar de profissional para profissional. Entender que o intérprete não está interessado em relação à aprendizagem dos estudantes surdos traz à tona inúmeras questões que podem abarcar vivências institucionais que podem estar sendo levadas para o lado pessoal. Pode-se pensar em relações profissionais negativas, o intérprete pode estar sobrecarregado visto a árdua tarefa de estar atento a tudo para interpretar ao estudante surdo. Mas também pode haver falta de comunicação e esclarecimentos acerca do papel de cada um, ressaltando que o intérprete não está em sala de aula para “ensinar” e sim para intermediar a comunicação dos surdos com os ouvintes. Dito isso vale mencionar o que Quadros (2004) destaca, que o professor também necessita passar pelo processo de aprendizagem de ter no espaço da sala de aula inclusiva, um contexto diferenciado, com a presença de estudantes surdos e do intérprete de Libras.

Diante dos dados apresentados, cabe uma reflexão da realidade educacional brasileira nos dias atuais. Tão distante da utopia de inclusão idealizada por muitos, o que se percebe é um retrocesso: quais relações se estabelecem entre professores e estudantes, dentre estes, muitos com alguma deficiência? E o que acontece dentro das salas de aulas ditas inclusivas? Há parceria entre os profissionais? O que temos são respostas baseadas em um sistema de educação precário, escasso, desmotivado o que leva à insegurança de todos os agentes envolvidos nesse cenário. E isso se acentua nos dias atuais, diante de tantas controvérsias políticas, econômicas e sociais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os objetivos centrais desta pesquisa elucidaram como ocorrem as relações interpessoais entre estudantes surdos e ouvintes de uma escola regular do Rio Grande do

Sul. Partindo do pressuposto de interação entre estes estudantes, buscou-se verificar junto aos professores e profissionais intérpretes, se ocorrem formas de comunicação entre estes, se há curiosidade dos indivíduos ouvintes pela cultura surda. Além disso, objetivou-se investigar a percepção dos professores sobre atitudes de cooperação para a realização de atividades em sala de aula bem como se os estudantes ouvintes buscam incluir os colegas surdos. Ademais, esta pesquisa também buscou verificar atitudes que ocorrem nas salas de aulas inclusivas, que evidenciam amizades, intrigas e brincadeiras entre os estudantes bem como situações de distância e isolamento por parte dos colegas surdos.

Os resultados obtidos através da análise de dados das entrevistas semiestruturadas realizadas indicam que as relações interpessoais não são efetivas nesta instituição escolar. Para além deste fator, emergiram questões referentes a uma forma de inclusão vista por muitos participantes deste estudo, como algo que não se concretiza. E isso reflete no isolamento dos estudantes surdos que pouco se comunicam com os demais ouvintes. Fato que fragiliza as relações entre os próprios estudantes e com o professor, pois como se mostrou nesta pesquisa, a comunicação entre surdos e ouvintes é um grande obstáculo. Cabe lembrar que em sala de aula inclusiva onde há indivíduos surdos, deve estar presente o intérprete, que traduzirá o conteúdo passado pelo professor, de forma oralizada e na Língua Portuguesa, para a Língua de Sinais ou Libras. Busca-se assim facilitar o entendimento do estudante surdo sobre determinado conteúdo. Todavia, até mesmo essa parceria de professor e intérprete, parece acometida pela falta de informação sobre a função de cada um. Neste viés, pode-se afirmar que ainda falta estrutura por parte da escola e dos profissionais para saber lidar com essa demanda educacional, em termos de organização, de capacitação e de pesquisa.

Conclui-se através desta pesquisa que ainda há muito o que se fazer em relação à inclusão de estudantes surdos em escolas regulares. As dificuldades em relação ao ensino destes indivíduos comprometem suas vivências sociais. Porém, o que se torna mais agravante é a falta de preparo tanto dos professores e profissionais que atuam diretamente com os surdos, quanto da sociedade em geral. Apesar de existirem Políticas Públicas que garantem o direito à educação para as pessoas com algum tipo de deficiência, sabe-se que muito dificilmente estas atingirão todas as escolas. E estas, por sua vez, encontram-se em situação precária, visto a falta de investimentos. Desta forma, torna-se extremamente importante estudos que visem minuciar ainda mais este tema tão atual que é a inclusão dos estudantes surdos.

## **REFERÊNCIAS**

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977. 225 p.

BERTÓ, Suzana de Fátima Fardin. *A complexificação do leitor/escritor surdo - implicações cognitivo-ontológicas*. 2009. 127 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2009.

CHAVEIRO, Neuma et al. Qualidade de vida das pessoas surdas que se comunicam em língua de sinais: revisão integrativa. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 18, n. 48, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832014000100101](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000100101)>. Acesso em: 10 maio 2016.

COSTA, M. R.; RESENDE, M. A.; SILVA, K.M. S.C. A inclusão do aluno surdo na Universidade Federal de Uberlândia: Uma experiência a ser compartilhada. In: *VI SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E V ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO ESCOLAR*. Uberlândia, MG, 2014. Disponível em: <[http://www.cepae.faced.ufu.br/sites/cepae.faced.ufu.br/VIseminario/trabalhos/oral/eixo5/6\\_a\\_inclusao\\_do\\_aluno\\_surdo\\_MarianiAvila\\_KeliMaria.pdf](http://www.cepae.faced.ufu.br/sites/cepae.faced.ufu.br/VIseminario/trabalhos/oral/eixo5/6_a_inclusao_do_aluno_surdo_MarianiAvila_KeliMaria.pdf)>. Acesso em: 06 maio 2016.

CROMACK, Eliane Maria Polidoro da Costa. Identidade, cultura surda e Produção de subjetividades e Educação: atravessamentos e implicações sociais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 24, n. 4, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932004000400009&lng=pt&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000400009&lng=pt&nrm=iso&tlng=en)>. Acesso em: 09 de maio 2016

FIGUEIREDO, Marta Maria Oliveira. *Auto isolamento ou exclusão? As diferentes visões sobre os surdos*. 2009, 70f. Monografia (Título de Especialista de Educação Especial) - Faculdade Santa Helena. Recife, 2009. Disponível em: <<http://www.suvag.org.br/arquivos/mmof.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). Métodos de Pesquisa. *Série Educação à Distância*, Universidade Aberta do Brasil – UAB – UFRGS e Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da 1SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

GESUELI, Zilda Maria. Língua(gem) e Identidade: a surdez em Questão. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 27, n. 94, p. 277-292, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010173302006000100013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302006000100013)>. Acesso em: 16 maio 2016.

JESUS, D. M.; VIEIRA, A.B. Políticas e práticas inclusivas no ensino fundamental: das implicações nacionais às locais. *Educar em Revista*, n. 41, p. 95-108, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n41/07.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2015.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. *Cad. Cedes*, v. 26, n. 69, p. 163- 184, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a04v2669>>. Acesso em: 21 set. 2015.

LIMA, Verônica Aparecida Pinto. *A inclusão dos alunos nas Escolas Regulares da Rede Pública de Educação: Uma questão Linguística*. 2010, 20 f. Dissertação (Especialista em Educação Especial) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de

Janeiro, 2010. Disponível em:  
<[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/artigos\\_edespecial/surdos\\_esc\\_olapublica.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/artigos_edespecial/surdos_esc_olapublica.pdf)>. Acesso em: 09 maio 2016.

MACEDO, JoicyMidiã Figueiredo. O processo de inclusão de alunos surdos em salas inclusivas: numa perspectiva bilíngue. *Portal Eduka*, 2015. Disponível em:  
<[http://www.portaleduka.com.br/materia/formacao\\_docente/inclusao/o-processo-de-inclusao-de-alunos-surdos-em-salas-inclusivas-numa-perspectiva-bilingue-](http://www.portaleduka.com.br/materia/formacao_docente/inclusao/o-processo-de-inclusao-de-alunos-surdos-em-salas-inclusivas-numa-perspectiva-bilingue-)>. Acesso em: 07 maio 2016.

MACHADO, Paulo Cesar. *A Política de Integração/Inclusão e a Aprendizagem dos Surdos: Um olhar do Egresso Surdo sobre a Escola Regular*. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Disponível em:  
<[https://wiki.ifsc.edu.br/mediawiki/images/d/dc/A\\_politica\\_integracao\\_inclusao\\_dissert.pdf](https://wiki.ifsc.edu.br/mediawiki/images/d/dc/A_politica_integracao_inclusao_dissert.pdf)>. Acesso em: 09 maio 2016.

MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A.; TOYODA, C. Y. Inclusão escolar pela via da colaboração entre educação especial e educação regular. *Educar em Revista*, n. 41, p. 81-93, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n41/06.pdf> >. Acesso em: 13 set. 2015.

BAPTISTA, José Afonso. Os surdos na escola: a exclusão pela inclusão. In: MERSELIAN, K. T.; VITALIANO, C. R. Análise das condições organizadas em uma escola para promover a inclusão de alunos surdos. *Revista Lusófona de Educação*, Lisboa, n. 19, 2011. Disponível em:  
<[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-72502011000300006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502011000300006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 09 maio 2016.

OLIVEIRA, Fabiana Barros de. Desafios na Inclusão dos Surdos e o Intérprete de Libras. *Diálogos & Saberes*, Mandaguari, v. 8, n.1, p.93-108, 2012. Disponível em:  
<<http://seer.fafiman.br/index.php/dialogosesaberes/article/view/271>>. Acesso em: 07 maio 2016.

QUADROS, Ronice Müller de. *O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2004. Disponível em:  
<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>>. Acesso em: 07 maio 2016.

RIJO, Marcos Giovane de Quevedo. *A inclusão de alunos surdos nas escolas públicas de Passo Fundo*. 2009. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização Lato Sensu Educação Profissional Tecnológica Inclusiva (Programa de Pós-Graduação do Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso) - Instituto Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2009. Disponível em:  
<[http://bento.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/201007111045971marcos\\_giovane.pdf](http://bento.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/201007111045971marcos_giovane.pdf)>. Acesso em: 11 set. 2015.

RIOS, N. V. F.; NOVAES, B. C. A. C. O processo de inclusão de crianças com deficiência auditiva na escola regular: vivências de professores. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v.15, n.1, 2009. p. 81-98. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141365382009000100007&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141365382009000100007&script=sci_abstract&lng=pt)>. Acesso em: 22 set. 2015.

RODRIGUES, C.H.; RAMPINELLI, L.C.M. Investigando a sala de aula: análise da

interação entre alunos surdos e ouvintes, professores e intérprete de sinais. Revista *L @el em (Dis)curso*, v. 6, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revlael/article/view/12799/15072>>. Acesso em: 13 set. 2015.

SILVA, A. T. C.; JÚNIOR, M. R. M.; LIMA, F. *O intérprete de Língua Brasileira de Sinais no ensino fundamental e seu papel na escola comum*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2008. Disponível em: <[https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao\\_pedagogia/pdf/2008.1/o%20intrprete%20de%20Ingua%20brasileira%20de%20sinais%20no%20ensino%20fundamental%20e%20seu%20papel%20na%20escola%20comum.pdf](https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2008.1/o%20intrprete%20de%20Ingua%20brasileira%20de%20sinais%20no%20ensino%20fundamental%20e%20seu%20papel%20na%20escola%20comum.pdf)>. Acesso em: 08 maio 2016.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. *Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação*. 4 ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <[https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia\\_de\\_pesquisa\\_e\\_elaboracao\\_de\\_teses\\_e\\_dissertacoes\\_4ed.pdf](https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf)>. Acesso em: 25 abr. 2016.

SKLIAR, Carlos (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001. 192 p.

SOUZA, J. V. P.; LIMA, É. P. B. Inclusão ou Integração? Estudo de Caso com Alunos Surdos em Escolas de Ensino Regular no Município de Caruaru – PE. *Anais CINTEDI*, v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/cintedi/resumo.php?idtrabalho=1428>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

VIEIRA, Claudia Regina. *Educação de surdos: problematizando a questão bilíngue no contexto da escola inclusiva*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2011. Disponível em: <[https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/docs/03062013\\_143807\\_claudiadissertacao.pdf](https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/docs/03062013_143807_claudiadissertacao.pdf)>. Acesso em: 07 maio 2016.